

Pastoral Kenótica: atuação da Igreja “em saída”

“Kenotic Pastoring: the Action of a Church “which goes forth”

Maria Teresa Freitas Cardoso
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Brasil

André Luiz Bordignon
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Brasil

Resumo

O artigo estuda uma proposta de atuação pastoral na qual se destaca o caráter kenótico, ou seja, de inclinar-se ao encontro e ao serviço das pessoas. O objetivo do artigo é destacar que a atuação kenótica faz parte da proposta de Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de Papa Francisco, e que esse dado pode ser ilustrado com a teologia de Urs von Balthasar. A metodologia relaciona os autores em estudo, começando por verificar o tema da kénosis na teologia de Urs von Balthasar e a presença da kénosis na vida de Jesus, especialmente destacada na Última Ceia. O estudo da teologia de Urs von Balthasar reporta-se à kénosis trinitária prolongada na kénosis de Cristo e na kénosis eclesial, entre traços diversos da realização da Igreja. Considera-se o modelo em Jesus, na vida de serviço e na Ceia com o lava-pés. Selecionam-se indicações de Papa Francisco para a Igreja em nossos tempos, destacando-se o neologismo de fazer a igreja “primeirar” e colocar-se “em saída”. Fica implicado que a missão desenvolve-se melhor em comunidades abertas ao diálogo e ao serviço no mundo, em linha de sinodalidade. Conclui-se que na pastoral da Igreja deve sobressair o caráter kenótico, valorizado por Urs von Balthasar e traduzido nas orientações pastorais de Papa Francisco.

Abstract

The article studies a proposal of pastoral action in which is highlighted the kenotic character, that is, turning oneself towards meeting and service of persons. The objective of the article is to highlight that kenotic action is part of Pope Francis’ proposal in the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, and that this can be illustrated by the theology of Urs von Balthasar. The methodology relates the authors studied, starting by verifying the theme of kenosis in the theology of Urs von Balthasar and the presence of kenosis in the life of Jesus, especially highlighted in the Last Supper. The study of the theology of Urs von Balthasar refers to the trinitarian kenosis drawn out in the kenosis of Christ and in the ecclesial kenosis, among diverse traits in the realization of Church. The model of Jesus is considered, in a life of service, and at the Supper with the washing of the feet. The article selects instructions from Pope Francis for the Church in our times, highlighting the neologism of making the Church “take the first step” and positioning itself as “a Church which goes forth”. It is implied that the mission is better developed in communities open to dialogue and to service in the world, in the line of synodality. It concludes that the kenotic character must stand out in the Church’s pastoral dimension, valued by Urs Von Balthasar and translated in the pastoral orientations of Pope Francis.

Palavras-chave

Kenosis.
Comunidade missionária.
Papa Francisco.
Urs von Balthasar.

Keywords

Kenosis.
Missionary community.
Pope Francis.
Urs von Balthasar.

Introdução

O artigo situa-se na ocasião dos 10 anos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de Papa Francisco. Procura-se compreender a simples e profunda proposta da Igreja “em saída” (EG 41) de forma *kenótica*. A ideia é que a Igreja “em saída”, como proposto pelo Papa Francisco (EG 24) leva a *primeirrear* novos caminhos, a partir do despojamento kenótico do Cristo. Recorda-se o teólogo Urs von Balthasar na sua teologia da *kénosis* da Igreja.

O artigo está estruturado em duas seções: a primeira, acolhendo alguns elementos da teologia de Urs von Balthasar sobre a *kénosis* trinitária e a *kénosis* eclesial, de modo que isso ilumina uma pastoral *kenótica*; a segunda seção avança na explicitação do processo sinodal como favorecimento de uma pastoral missionária *kenótica*.

Na proposta de *kenosis* eclesial da teologia de Urs von Balthasar

A teologia da *kenosis* toma como inspiração o texto neotestamentário de Fl 2,6-11. O Cristo se humilhou, abaixou, aniquilando-se, para estar junto na condição humana. Urs von Balthasar desenvolve o tema da *kenosis*. Ele pensa em uma primeira forma de realização já intratrinitária, entre as Pessoas divinas, na abertura de uma à outra, como no “movimento” da pericorese. Além disso, Deus faz o movimento de saída, ao encontro da criação. Especialmente na Encarnação. Em Cristo se destaca a *kenosis*. Von Balthasar fala ainda da Igreja em *kenosis*. A pastoral deve inspirar-se particularmente no gesto do Lava-pés da Ceia, quando Jesus se inclina com a bacia e a ânfora de água, em atitude de serviço, conforme se relata no quarto evangelho, em Jo 13,4-5.

Deus, ao sair de si mesmo para criar caminhos com a humanidade, ao mesmo tempo sem anular a si mesmo, mas colocando-se junto e disponível, é apresentado por von Balthasar como compreendido em uma Teodramática. O Deus Trino não se fecha em si mesmo, ao esvaziar-se em direção do outro, com as possibilidades de experimentar a dor, o sofrimento e os desencontros humanos. Von Balthasar propõe o cristianismo como o agir do ser humano em

comunhão com a Trindade no discipulado do Cristo, na prática concreta do amor. Nesse contexto caberia pensar uma *kenosis* eclesial.

A *kenosis* se representa na imagem do Deus próximo, que convida o seu povo reunido a ser uma nova forma eclesial, não de poder absoluto e sim de amor absoluto. O Deus no meio do povo aparece como exteriorizando a sua essência na solidariedade, até a cruz. E aguardando pacientemente a resposta do ser humano, para que ingresse no movimento kenótico. O Espírito faz a Igreja colocar-se em escuta e a serviço. Desse modo, escutar os sinais dos tempos e se repensar e pensar os tempos novos. Ela estaria aberta às novidades do Espírito e com um plano pastoral de viver o Evangelho no novo tempo.

Von Balthasar propõe uma teologia na qual se pode pensar o movimento da Igreja dando testemunho do movimento vivido por Jesus (von Balthasar, 1993, p.20; 1981, p.4), ou seja, no anúncio de Jesus e no seu seguimento, a Igreja tomaria uma atitude de ir ao encontro das pessoas. Seria, ao mesmo tempo, caminhar no encontro com Jesus Cristo e o seu Evangelho e seguir seus passos. A eclesialidade é assim vista à luz da *kenosis* de Jesus, que estenderia na Encarnação e na sua vida, o movimento de doação presente na Trindade.

Ao entrar nesse movimento, a humanidade encontra uma possibilidade de se esvaziar e ir ao encontro: sair de si no amor e esvaziar-se do orgulho, do ódio, da prepotência, do individualismo, que impedem a convivência humanizadora (Coda, 2011, p.56), para estar e atuar no mundo com a alteridade de modo criativo e dinâmico, particularmente através da solidariedade e da fraternidade, e de modo misericordioso. Von Balthasar salienta que o cristianismo é o agir de Deus em comunhão com o discipulado de Cristo pelo Espírito, atuando com o amor (von Balthasar, 2005a, p.49).

A vida comunitária é relação kenótica. Proporciona a iniciativa e o diálogo. Como relação kenótica, pode encontrar aí um paradigma pastoral, para transformações cheias de misericórdia, como seguimento de uma escolha livre do próprio Deus de renunciar à sua onipotência e onisciência (RIBEIRO, 2009, p.21), para entranhar no mundo sua relação com os caídos e feridos.

Esta solidariedade kenótica, que segue o movimento de Deus para o ser humano, possibilita a novas decisões e influi no modo de entender a missão.

A missão da Igreja está em realizar o mesmo ato de renúncia divina, para uma “*kenosis* eclesial”. A Igreja deve discernir com a ajuda do Espírito para ser presença e testemunha de Cristo. A proposta de von Balthasar está na Igreja ser digna de fé e de credibilidade, pois prossegue evangelicamente o caminho do Verbo encarnando. Com isso, pode construir-se uma convivência humana. Por isso toma como um *locus* teológico estar junto aos que sofrem a ausência do amor e que têm a sua voz calada pela lógica da arrogância humana.

A teologia da *kenosis* permite a compreensão de como Deus tornou-se mais acessível e próximo do ser humano, e, mesmo diante dos fracassos e rejeições, como na cruz, possibilita a esperança marcada na Ressurreição de Cristo e na Efusão do Espírito Santo. Com a esperança para a construção de futuro, ampliam-se o conceito e as perspectivas da missão:

O conceito de “missão” que consta de dois elementos. Primeiro, existe a relação com quem envia, e por quem está presente na missão, identificando com quem é enviado. Segundo, existe a missão de perspectiva de futuro: devendo-se ser cuidadoso com as energias humanas de quem é enviado, assim ele é livre, e a implementação será com as circunstâncias que precisam ser consideradas, planejadas e testadas. (...) Jesus na sua missão no mundo possui a estratégia de Deus, em um mundo marcado pelo pecado, rejeitando o que lhe afasta da missão do Pai (von Balthasar, 1998b, p.168).

A Igreja, a partir da ação do Espírito Santo, segue em uma atividade missionária de serviço. Ela é conduzida pelo Espírito que atua no serviço para a vida das pessoas buscando-as no mundo e soprando com criatividade junto às novas gerações (von Balthasar, 2005 c, p.XIII).

Von Balthasar observa que essa abertura da Igreja ao Espírito traz o perigo dos medos eclesiásticos, daqueles que preferem manter a sua segurança dentro da instituição. Isso geraria o fechamento ao diálogo necessário para as decisões e participação dos atos na comunidade humana. A Igreja necessita estar atenta à escuta do Espírito, que está nos com os pobres

e simples do Reino (von Balthasar, 2005 c, p.54). Escutar o Espírito é proposta balthasariana de se renovar constantemente com as primaveras eclesiais (p.59). A missionariedade se dá com a corresponsabilidade batismal, como promotora de novas relações. Estas tecem artesanalmente o encontro e as novas realidades possíveis. A liberdade do Espírito abre as portas das comunidades fechadas em seus medos (Jo 20,19-22), possibilitando o novo através do diálogo. A teologia de von Balthasar tem elementos norteadores. Indicam-se a seguir um princípio mariano, um princípio petrino conjugado com o paulino; um princípio joanino.

O princípio mariano destaca as características do ser envolvente, feminino e materno na Igreja, com forte contribuição pastoral frente ao canônico. Ele é elaborado na perspectiva eclesiológica de relações missionárias e pastorais. A maternidade envolvente da Igreja traz a vitalidade e a fecundidade necessárias para a compreensão da participação das mulheres na pastoral e nas decisões eclesiais. A imagem patrística *Ecclesia-Sponsa* contrabalanceia a figura patriarcal. A Igreja como mãe necessita sair de uma configuração distante da vida pastoral, pois a maternidade madura permite pensar uma presença pastoral entranhada na vida concreta (von Balthasar, 1981, p.210). Ela não se fecha em cumprir ativismos pastorais ou administrativos, e está disponível para atuar livre, vigilante e próxima. Essas características fazem avançar os processos de discernimentos e de escuta. O princípio mariano inspira a se realizar como Igreja (von Balthasar, 1998a, p.59) através da abertura fecunda e ativa da presença cristã no meio da sociedade, sem disputa de poderes e, sim, protagonismo de serviço. A disponibilidade eclesial possibilita o diálogo, evitando as polarizações eclesiásticas e sociais.

O segundo princípio a adotar é o petrino-paulino. Supõe a importância da hierarquia para a missão a serviço da reconciliação. Ao mesmo tempo, é ligada com a noção de povo de Deus. Von Balthasar propõe pensar Pedro e sua ministerialidade eclesial, expandida pela participação de Paulo. A visibilidade eclesial não está limitada em estrutura piramidal, mas expandindo-se com o povo de Deus. Ligando ambos os aspectos, o princípio do ministério petrino não ficaria isolado, o que poder causar uma visão com o risco de ver o

ministério petrino fechado em si mesmo, ou de ter uma visão de igreja limitada a uma estrutura de hierarquia e obras de igreja restritas a uma forma de fixidez e externalidade (von Balthasar, 1981, p.305). A Igreja de unidade e comunhão, unindo o princípio petrino e o princípio paulino, compõe-se de diversas comunidades. As diferenças não se tornam divisões, e sim oportunidade de se evitar radicalismos. O ofício pastoral estará, com a prática reconciliadora, na força pneumatológica, na lógica evangélica e apostólica, na linha de uma comunhão.

Por fim, o modelo do discípulo amado marcado pelo amor e o serviço. Reporta-se aqui à ceia com o lava-pés. Seria uma *kenosis*, no seguimento das relações da *pericorese* trinitária, da encarnação divina e do movimento do abaixar-se do lava-pés, e do amor do Espírito como princípio de vida comunitária. A natureza da Igreja está em tornar o amor credível até a sua última consequência, pois “só pode ser considerada em si mesma, através da sua atração” (von Balthasar, 2005d, p.140). Como um evento do lava-pés seria o escutar eclesial sensível às realidades humanas. O caminho assumido e deixado pelo Mestre traz o abaixar-se e servir como condições livres para amar (Jo 13). Von Balthasar apresenta esta proposta como a Igreja do amor perfeito no meio da humanidade (von Balthasar, 1985, p.214), pois não reivindica precedência e, sim, colocando-se no meio e a serviço.

Esses modelos eclesiológicos, colocados juntos, possibilitam a Igreja servir ativamente, sem funcionalismo e ativismo, mas promovendo o serviço junto com a colegialidade e o diálogo aberto ao *sensus fidelium*. Sem particularizar o Evangelho ou instrumentalizar o Espírito Santo, procura fazer conviver as diferentes comunidades eclesiais, para uma Igreja missionária e aberta à *Missio Dei*, de ir ao encontro com misericórdia. Esses modelos conjugados procuram fundamentos evangélicos para o serviço pastoral, em diálogo com a construção do mundo.

A proposta balthasariana lembra a responsabilidade da saída das muralhas eclesiais, em direção às realidades plurais e desafiadoras (von Balthasar, 1994c, p.52). A *kenosis* da Igreja passa pela transformação da consciência cristã para prosseguir o seu itinerário de acordo com a missão

apostólica. A *kenosis* eclesial proposta por von Balthasar tem o caráter teológico da proximidade da missão da Igreja junto ao mundo. Essa missão supõe a *ecclesia semper reformanda*. Retoma sempre o evangelho e, ao mesmo tempo, o protagonismo do serviço escutando os sinais dos tempos.

O Espírito Santo faz a Igreja abaixar-se para encurtar as distâncias entre Deus e o ser humano, possibilitando superar e transformar as realidades marcadas pelo ódio e a violência, que desfiguram a humanidade. A Igreja missionária, disposta e aberta a sair com a ânfora e a bacia do lava-pés, assim modela sua pastoral (von Balthasar, 2005c, p.193). O pastorear e a organização eclesial corresponderiam à força da atuação do Espírito Santo:

o ministério pastoral deveria, refletindo as funções fundamentais do Espírito Santo, por isso em continuidade na ideia plena de Igreja, na qual a sempre concreta e realizada verdade da Revelação em Cristo, encontra também uma aceitação plena e concreta, que não deixa abstrato e teórico, isto é a Igreja dos Santos, a qual constitui o concreto da sua existência eclesial (von Balthasar, 2005c, p.213).

A proposta balthasariana, assim como a linha pastoral do Concílio Vaticano II, provocam ao diálogo, a uma perspectiva ecumênica, a laços comunitários e atitudes de fraternidade e solidariedade universal (von Balthasar, 1988, p.6-7). A presença e a ação no mundo de modo kenótico implicam em ter misericórdia e em estar e atuar junto com os pobres (von Balthasar, 2000a, p.274).

A institucionalidade da Igreja encontra-se mais apuradamente na pequena comunidade reunida ao redor da Eucaristia, em que irmãos e irmãs compartilham a palavra, o pão e o seu modo de viver, possibilitando-se uma práxis concreta e opção existência (von Balthasar, 1975, p.15-16). O Espírito gera novas formas de vida eclesial com a vida comunitária, devendo esta refletir-se, por sua vez, no aspecto institucional. As comunidades pequenas missionárias poderiam ter uma atividade mais contextualizada e adaptada no serviço necessário.

O espírito do Concílio Vaticano II foi de profundidade espiritual e ao mesmo tempo sensível à realidade, propondo para a igreja uma atuação

servidora e próxima da *kenosis* de Cristo. De acordo com o atendimento do bom samaritano (Lc 10,25ss), que se deu no abaixamento transformador.

O princípio teológico do *sensus ecclesiae* favorece a superação de possíveis tensões, optando por mais dedicação, valorizando a participação dos leigos. Corresponde a sair em busca de novas primaveras (von Balthasar, 1994c, p.100). Ao contrário de uma acomodação que impedisse a força querigmática do anúncio apostólico (von Balthasar, 2005 d, p.64). Ou uma duplicidade espiritual (p.71) seria obstáculo para amadurecimento no *sensus fidelium*. A fé eclesial encontra luz e força no Espírito Santo, a suscitar as novas formas de vida e participação na Igreja (p.421). Também para a capacidade de ver, escutar e se envolver com as sensibilidades humanas no contexto onde a Igreja está inserida.

A experiência da Igreja-Comunidade e o modelo samaritano dariam seguimento à *kénosis* pela presença da Igreja junto aos feridos, buscando novos horizontes (von Balthasar, 1985, p.279). A *kenosis* eclesial se torna chamado evangélico em meio ao mundo:

O chamado da Igreja é ser chamada a sair: não somente para o “mundo” que se encontra fora da Igreja, senão também a sair no “mundo” que está dentro da Igreja. A consequência deste chamado é invariavelmente sempre o mesmo: “imediatamente deixaram as redes e o seguiram” (Mt 4,22) (von Balthasar, 1994a, p.107).

A realização kenótica por uma Igreja primeireando, “em saída”

A Igreja deve estar “em saída”, o que está em relação com a proposta de *Kénosis*. A pastoral deve ser kenótica. O novo rosto eclesial estará em assumir a postura do despojamento e abaixamento com a misericórdia na saída missionária. Faria um itinerário *primeireador* - se envolver, acompanhar, frutificar e festejar (EG 24), ampliando processos, diálogos, soluções e caminhos.

A Igreja, com a sua presença atual no mundo, busca *primeirear* em perspectivas que a façam sempre sair de si mesma em direção da humanidade. A expressão Igreja “em saída” sugere uma experiência pastoral e

mais próxima da vida concreta das pessoas, principalmente dos feridos e descartados. A transformação eclesial exige uma nova reflexão sobre si mesma e sobre sua atuação com as comunidades e as questões no mundo, possibilitando serem *primeiradoras* pelo gesto do lava-pés. O abaixar-se eclesial exigirá caminhar nas estradas sem medo e apegos, fazendo-se “em saída”.

As mudanças de época, e isso vale para nosso tempo, colocam muitas pessoas em meio a crises pessoais e sociais. Esse problema demanda dos cristãos especial atenção, pois de acordo com o Evangelho devem estar atentos a ajudar as pessoas ao redor. Dessa maneira, a *kénosis* eclesial, sem ser opositora da instituição, de acordo com a necessidade dos tempos, renova as estruturas pela contribuição ou ajuda que vem das comunidades alegres e missionárias (von Balthasar, 2005b, p.41-45). O modelo é “a Igreja ser como Deus: sempre em saída” (Francisco, 2020a).

A Igreja que sai para *primeirar* sabe dos desafios existentes, buscando superá-los sem perder a sua coragem, ousadia e alegria (EG 109). Nessa perspectiva, faz-se necessária tal postura kenótica, permitindo abandonar os esquemas ultrapassados ao se inclinar com a bacia do lava-pés. Isso é promover uma nova forma de Igreja e não uma nova Igreja:

a Igreja “em saída”, que o Papa Francisco está promovendo com vigor, em muitos aspectos tem implicações de caráter pragmático, em vez de teórico. Trata-se de um apelo a sair dos recintos da liturgia, das devoções, da vida interna da comunidade, para ir aos pobres e entrar nos ambientes dos quais parece que Deus se afastou. Na realidade, é muito mais. É a proposta de uma nova forma *ecclesiae* (Dianich, 2018).

O gesto kenótico do lava-pés leva a descobrir possibilidades inéditas e surpreendentes, pois *Primeirar* faz a Igreja retomar a iniciativa do frescor do Evangelho:

sair das nossas comunidades, para ir lá aonde os homens e as mulheres vivem, trabalham e sofrem, e anunciar-lhes a misericórdia do Pai [...] portadores da Palavra de vida nos nossos bairros, nos lugares de trabalho e em toda a parte onde as pessoas se encontram e desenvolvem relações (Francisco, 2016b).

O *primeireando* fará a Igreja colocar-se “em saída” em direção missionária de encontros reais, com os desafios que sempre existirão a serem superados. A renovação missionária e pastoral faz ecoar a atualidade do Concílio Vaticano II. A missionariedade estará na capacidade de abrir-se, sair, despojar-se, caminhar, e transformar o existente e real numa unidade do Espírito Santo, criando processos agora também pela sinodalidade.

A evangelização prossegue em constante aprendizado na sua comunicação. Portanto, sem superioridades ou respostas prontas. Não se preocupar em ser a maioria, mas pela abertura ao Espírito optar pela convivência fraterna e a amizade social. Isso se faz pela sensibilidade pastoral, capacidade de escuta, compaixão diante do sofrimento, diálogo e criatividade. Isso requer não cair na impaciência e nos resultados do imediatismo.

A comunidade se tornará missionária quando toma a iniciativa de se envolver, pacientemente, em um processo renovador da fé e da compreensão das questões existenciais, que carecem de humanização. A inspiração de sua pastoral seria a partir do evangelho (Francisco 2013b).

O conceito teológico da *kenosis* na Igreja “em saída” a conduz com suas comunidades de fé e missionárias. Ir além e despojar-se cotidianamente, possibilita encurtar a distância, fazendo a passagem da passividade para o protagonismo comunitário. A lógica é concretizar o paradigma trinitário. Aplicá-lo nas estradas onde encontra vítimas da desumanização. Realizar os projetos comunitários, antecipando-se a questões e a perigos de males futuros.

A teologia pastoral e as práticas iluminadas por esta teologia refletem essa atitude de inclinação, e de serviço de ajuda, de modo que anúncio do Evangelho se aproxima da práxis da misericórdia, sanando de feridas as pessoas encontradas e festejando. Criar processos que encurtem as distâncias e possam fazer chegar às encruzilhadas, onde estão os afastados e descartados (EG 24), é uma meta. A *kenosis* eclesial implica “a Igreja ter de se inclinar sobre todas as feridas da humanidade e atuar para que ninguém possa ser descartado” (Repole, 2018, p.61). Esse princípio teológico leva-a

com suas comunidades espalhadas a reconfigurar o seu agir missionário, propondo assumir as dores, sofrimentos e limitações da humanidade, como Deus foi capaz. O desafio será recriar as relações comunitárias (von Balthasar, 1994 c, p.71). O paradigma será o modo de ser de Jesus (von Balthasar, 1985, p.240).

A teologia “em saída” requer mais “aquele abaixar-se e aproximar-se [...] do que qualquer tipo de força” (Francisco, 2016a). Propõe-se como nova forma de a Igreja existir e atuar através da proximidade materna com cada batizado, destacando essa qualidade de gerar, dar à luz e educar. A experiência maternal de Maria possibilita à Igreja pensar a sua fé e o seu olhar, como atuação apostólica, comunitária e missionária (von Balthasar, 2000c, p.320). Dedicar-se com um olhar de misericórdia.

A pastoral implica em vários aspectos, desde o amor e a simplicidade, a aproximação, até desenvolver planos de atuação da Igreja. A Igreja seguindo o modelo evangélico joanino de proximidade, propõe que, ao se abaixar, seja sempre próxima, sem calcular a caridade a ser exercida (von Balthasar, 1994b, p.149). Aceitando o convite para a aplicação desse princípio, a Igreja viverá a sua simplicidade e o mandato missionário. A Igreja-comunidade antecipa-se e se envolve acompanhando a humanidade nas realidades alegres e nas realidades difíceis. Ao estar “em saída”, está sempre com serviço kenótico (FT 129-132). Estaria no serviço de bom pastor (Jo 10,10), caminhando com horizontes abertos a novos *insights*. Ao mesmo tempo, a missão terá aproveitamento de uma capacidade de aprender a trabalhar juntos para efeitos mais duradouros. A atuação pastoral implica em estar junto e ter simplicidade, e de modo conjunto somar as colaborações com planos organizados e articulados:

A exigência dos agentes pastorais, enquanto discípulos missionários, se esforçando para desenvolver: a) um estilo de presença mais simples e orgânico, adequado à realidade urbana, com uma atenção à linguagem, as estruturas e as práticas da pastoral, ainda como os horários; b) um plano pastoral mais orgânico e articulado, que integre em um projeto comum as paróquias com suas diversas formas (Francisco, 2016c, p.785).

Caberia enfatizar a relação entre missão e misericórdia. Os desafios hodiernos desta mudança de época discípulos e discípulas das pequenas comunidades “em saída”, com a ânfora da misericórdia. As comunidades missionárias devem manter o profetismo misericordioso. A Igreja “em saída” manifesta através da misericórdia a sua capacidade de olhar, sentir curar as pessoas, bem como acompanhar e dialogar.

A misericórdia é por essência livre para ir ao encontro do outro, e diante de situações que marginalizam, humilham e desumanizam, denunciar as causas e construir novas relações altruístas e justas (MV 21). Atitudes proféticas e ousadas marcam a proposta “em saída”, pois elas abrem caminhos para direitos humanos e para a responsabilidade diante do outro. Aplicar e difundir a misericórdia é sinal concreto dessa solidariedade em relação com todos os pequenos, pobres, sofredores, marginalizados e feridos (MV 7).

A prática das obras de misericórdia e a justiça social remetem à indignação em constatar as mazelas de uma sociedade política e religiosa corrompida, e a ação pastoral procura mover à atuação profética contra a geração da miséria e da desumanização. Ver e sentir a compaixão. A práxis não estará no laxismo ou rigorismo, e sim no agir concreto que permita acolher e integrar, tanto socialmente como comunitariamente.

A misericórdia é contrária à fraqueza, pois ela traz a coragem de servir, escutar, curar e estender a mão para os mais fracos e machucados, fazendo-se livre dos preconceitos para estar ao lado deles. A construção deste caminho “em saída” necessita de preparar clero e laicato para estar juntos a escutar, dialogar, discernir e integrar sinodalmente, dado que somam na atividade kenótica da Igreja.

A sinodalidade cria a consciência eclesial do diálogo, apontando o consenso nos passos dados em conjunto: consulta, escuta, diálogo, discernimento, mudança e decisões. Reforça o *sensus ecclesiae* na dimensão também de horizontalidade, comunhão e participação. Dessa maneira, cultiva os processos de conscientização comunitária e conjunta, e a opção verdadeiramente missionária.

O diálogo sinodal traz aberturas e riscos, na oportunidade de envolver-se com as diversas opiniões. A sinodalidade oferece à Igreja repensar a si mesma, “em saída” participativa e comunitária. A organização “em saída” seria feita a partir dos discípulos-missionários, sempre com a abertura e novos caminhos, convergindo para passos concretos. O sínodo permite sempre a Igreja realizar a sua vocação de se redescobrir missionária, em todos os tempos.

A tentação está em deter-se nas estruturas pastorais institucionalizadas com o modelo da paróquialização, pois elas correm o grave risco de “domesticação do Espírito” (Kasper; Sauter, 1980, p.73). Os modelos precisam ao contrário ser dinâmicos e renovados, pela Igreja em participação, na escuta das indicações dadas pelo Espírito. Assim, o caráter de sinodalidade revela a Igreja “em saída” missionária e disposta a *primeirear* novos encontros.

Trata-se de buscar viver melhor o espírito do evangelho. Trata-se de buscar a cada tempo planos e formas de pastoral. O Espírito Santo é o *primeireador* que põe a Igreja “em saída”, no hoje, e avançando para o amanhã. O Papa Francisco tem proposto reflexões novas. Hoje a proposta de *primeirear* “em saída” propõe a criatividade de novas formas pastorais e ministérios, comunicando a alegria de viver o Evangelho.

As comunidades eclesiais, como bases missionárias, abertas ao Espírito contribuem para a *Missio Dei*, pois Ele atua nos seus membros reunidos e prepara evangelicamente a consciência e o amadurecimento comunitário. O Espírito anima e inspira a saída *kenótica* (von Balthasar, 2000b, p.201) e as surpresas missionárias da comunidade:

Esse itinerário nos revela também como atua o Espírito, sua *quenose* e, portanto, sua identidade. O Espírito se rebaixa, se esvazia, e como tal atua em Jesus levando-a a sua entrega por nós (Mt 8,17). Ao se mostrar intimamente unido ao destino de Jesus, o Espírito de Cristo (Miranda, 2017, p.33).

O Espírito Santo é o explicador e o *primeireador* da saída missionária da Igreja, reavivando as pequenas comunidades e promovendo uma pastoral de serviços de misericórdia. Assim proporciona um futuro sempre aberto a partir

da sua experiência missionária, pois lá estão os problemas reais. O Espírito suscita lideranças missionárias de acordo com os tempos, conduzindo o exercício ministerial, dons e carismas, possibilitando a práxis evangélica. Esse processo é artesanal, construído com o contato e uma nova forma de viver.

O testemunho alegre do Evangelho sai das aglomerações ilusórias para a realidade presente nas mais diversas pequenas comunidades, artesanalmente construindo contatos. Uma Igreja nova e não uma nova Igreja; novas relações menos complexas. Dessa maneira, com a jarra e bacia do lava-pés, sempre pronta a abaixar-se para *primeirear* a Igreja “em saída”, com seus novos caminhos.

Considerações finais

O caminho percorrido nesse artigo leva a pensar a importância da Igreja “em saída”, a *primeirear* para viver sempre a sua “*kenosis* eclesial”. Uma ideia básica seria que a renovação eclesial proposta pelo Papa Francisco “em saída” está na reflexão sobre uma Igreja mais evangélica e próxima, que passa de novo por uma conversão pastoral. É uma conversão de Igreja “em saída”.

As implicações teológicas junto à irreversível dinâmica do Concílio Vaticano II e à disposição da Igreja a se abaixar, possibilitarão novas formas, imbuídas do se envolver, acompanhar, frutificar, festejar cada ação. A sinodalidade e o diálogo fomentarão o caminhar pastoral e missionário diante dos desafios. Trata-se da tarefa missionária, manifestando um compromisso concreto.

Cabe voltar sempre a atenção para visão teológica no Cristo servidor, como no evangelho se abaixou com a bacia do lava-pés e deixou o seu modo de *primeirear* para a Igreja. A igreja toda, caminhando junto, participa dessa atitude, e pode-se dizer que a *kénosis* é o modo característico de a Igreja estar “em saída”.

Referências

- BALTHASAR, H. U. von. *A Los Creyentes desconcertados*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998a.
- BALTHASAR, H. U. von. *Antiguo Testamento*. In: BALTHASAR, H. U. von. *Glória*. Madrid: Encuentros, 2000a. v. V.
- BALTHASAR, H. U. von. *Católico: aspectos del misterio*. Madrid: Encuentro, 1988.
- BALTHASAR, H. U. von. i. In: BALTHASAR, H. U. von. *Theo Dramatica: Theological Dramatic Theory*. San Francisco: Ignatius, 1998b. v. III.
- BALTHASAR, H. U. von. *Estados de vida del cristiano*. Madrid: Encuentros, 1994a.
- BALTHASAR, H. U. von. *El complejo antirromano*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1981.
- BALTHASAR, H. U. von. *La percepcion de la forma*. In: BALTHASAR, H. U. von. *Glória*. Madrid: Encuentros, 2000b. v. I.
- BALTHASAR, H. U. von. *Luz de la Palabra: comentarios a las lecturas dominicales*. Madrid: Encuentro, 1994b.
- BALTHASAR, H. U. von. *My work in retrospect*. San Francisco: Ignatius, 1993.
- BALTHASAR, H. U. von. *Mysterium Paschale: The Mystery of Easter*. San Francisco: Ignatius, 2005a.
- BALTHASAR, H. U. von. *Por qué soy todavía Cristiano? Por qué permanezco en la Iglesia?* Salamanca: Sígueme, 1975.
- BALTHASAR, H. U. von. *Puntos Centrales de la Fé*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985.
- BALTHASAR, H. U. von. *Razing the bastions*. San Francisco: Ignatius, 1994c.
- BALTHASAR, H. U. von. *Spirito e Istituzione*. Brescia: Morcelliana, 2005b.
- BALTHASAR, H. U. von. *Spiritus Creator*. Brescia: Morcelliana, 2005c.
- BALTHASAR, H. U. von. *Sponsa Verbi*. Brescia: Morcelliana, 2005d.
- CODA, P. *Dalla Trinità: l'avvento di Dio tra storia e profezia*. Roma: Città Nuova, 2011.

DIANICH, S. A descoberta do “outro” em uma Igreja em saída. *IHU*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579941-a-descoberta-do-outro-em-uma-igreja-de-saida-artigo-de-severino-dianich>>. Acesso em: 7 jun 2018.

FRANCISCO. *Angelus*. 20 de setembro de 2020. (2020a). Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/pa-pa-francesco_angelus_20200920.html>. Acesso em: 19 nov 2020.

FRANCISCO. Bula *Misericordiae Vultus*. 11 abril 2015. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. 3 outubro 2020. São Paulo: Paulus, 2020b.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos bispos do México em sua viagem apostólica*. 2016 a. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160213_messico-vescovi.html&ved=2ahUKEwi39eK2zKD4AhVTjZUCHaZKCzUQFnoECAYQAQ&usq=AOvVaw1Y66elxoA0wOLYlu4HjYvB>. Acesso em: 21 mai 2020.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso eclesial da Diocese de Roma*. 2016 b. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160616_convegno-diocesi-roma.html>. Acesso em: 2 jan 2019.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 24 novembro 2013 (2013a). São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. *Nei Tuoi Occhi è la mia Parola: Omilie e discorsi di Buenos Aires 1999-2013*. Milano: Rizzoli, 2016c.

FRANCISCO. *Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2013b.

KASPER, W; SAUTER, G. *La Chiesa luogo dello Spirito: Linee di ecclesiologia pneumatologica*. Milano-Brescia: Di Andrea/Queriniana, 1980.

MIRANDA, M. F. *A Reforma de Francisco: Fundamentos Teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.

REPOLE, R. *O sonho de uma Igreja evangélica. A eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2018. v.4.

RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale: a quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Paulus, 2009.

Trabalho submetido em 18/10/2023.

Aceito em 06/12/2023.

Maria Teresa Freitas Cardoso

Doutorado em Teologia pela PUC-Rio. Bacharelado e Licenciatura Plena em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Líder do Grupo de Pesquisa “Ecologia Integral e arquitetura do cuidado ecumênico” (CNPq). Foi editora da Revista Atualidade Teológica (Rio de Janeiro) de 2013-2018 e coordenadora do PPGTeo da PUC-Rio de 2018-2021. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8282-5991>. Email: mtfcardoso@puc-rio.br

André Luiz Bordignon Meira

Doutorado em Teologia pela PUC-Rio. Membro do Grupo de Pesquisa “Ecologia Integral e arquitetura do cuidado ecumênico” (CNPq). Foi atuante na Pastoral com desabrigados na Arquidiocese de Campinas, SP. É assessor na missão na Igreja de Porto Velho (Rondônia). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2660-252X>. E-mail: luzbordignon@gmail.com